



Ação, Tempo e Conhecimento: A Escola Austríaca de Economia

Ubiratan Jorge Iorio

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2011. (234 páginas)

ISBN: 978-85-62816-25-3

No século XIX, o historiador Thomas Carlyle (1795-1881) referiu-se à Economia como uma “ciência sombria” [dismal science]. Em um artigo publicado na *Fraser’s Magazine*, em dezembro de 1849, Carlyle defendeu a coerção física para regular o mercado de trabalho nas Índias Ocidentais, após o fim da escravidão. Ao mesmo tempo, criticou as Ciências Sociais que acreditavam na capacidade das forças do mercado (oferta e demanda), em substituição ao comando e à obediência, para conduzir satisfatoriamente as relações de trabalho.

Independente das questões sociais e históricas que levaram Thomas Carlyle a cunhar a expressão “ciência sombria”, o que vemos na atualidade é que, no lugar das forças do mercado, os economistas confiam cada vez mais em uma pretensa capacidade quase milagrosa dos modelos formais e das regras da lógica para resolver todos os problemas práticos e teóricos suscitados pelo ambiente econômico. A Economia, hoje, apresenta-se mais sombria do que nunca, pois muitos de seus praticantes atribuem propósitos inadequados à lógica e à matemática, muitas vezes ocultando discussões conceituais importantes por trás de verdadeiros nevoeiros de equações e tecnicidades, ao mesmo tempo em que reforçam a tendência da modernidade tardia de desvincular cada vez mais as sociedades de seu conteúdo moral.

A formalização matemática não tem a capacidade de, por si só, preencher lacunas teóricas. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que, em contraste com os fenômenos físicos, químicos e biológicos, qualquer

tentativa de compreender o que se refere a comportamentos humanos não pode simplesmente desconsiderar a condição moral do ser humano. Ao contrário da crença corrente, não é o esvaziamento da dimensão moral que leva à formulação de modelos científicos mais objetivos. Considerações de caráter moral somente levam à falta de objetividade e de precisão analítica quando já há uma incompreensão mais fundamental a respeito do que é a moral. A partir do pressuposto popular de que a moral é relativa, obviamente qualquer construto teórico deve ser absolutamente contingencial – isso quando não se torna completamente inútil.

O livro do prof. Ubiratan Iorio nos coloca no centro dessa discussão. O autor demonstra, habilmente, que é possível e, mais ainda, que é desejável não dissociar “economia” de “moral”, e que isso não representa um abandono da precisão e da objetividade analítica. Na verdade, o que as pessoas esperam dos economistas? Esperam que sejam capazes de descrever o que acontece no mundo real, de explicar por que as coisas funcionam da maneira como funcionam e, finalmente, que sejam capazes de fazer previsões. Em outras palavras, a Economia não deve ser apenas um exercício de satisfação de curiosidades intelectuais, um esporte de acadêmicos. Deve também dizer-nos algo a respeito da vida prática, de modo a orientar nossas ações cotidianas, especialmente em um mundo marcado pela incerteza e pela turbulência. Essa conexão com a vida prática é o que torna a Economia indissociável da moral.

Ubiratan Iorio realiza, em seu livro, uma apresentação didática e detalhada dos principais aspectos que constituem o corpo teórico da Escola Austríaca. Justifica a pertinência do tema chamando a atenção para o fato de que a Escola Austríaca não somente explica a ação humana no mundo real: ela também funciona e leva em consideração a “economia do dia a dia”, bem como a plenitude da pessoa humana.

É por isso que, de acordo com Friedrich Hayek (1899-1992), como bem observa Iorio, a Escola Austríaca não se limita à teoria econômica. A economia se faz nas relações com as demais atividades humanas, como por exemplo a política, a filosofia, o direito, a psicologia, a antropologia e assim por diante. A Escola Austríaca é humanista no sentido em que busca olhar para a ação humana sem perder de vista a riqueza presente na condição humana, que se desenvolve em diversos campos de ação. Aprendemos, com Iorio, que a Escola Austríaca é fundamentalmente interdisciplinar.

O autor começa a obra estabelecendo alguns elementos e definições básicas para a compreensão do arcabouço teórico-conceitual austríaco. Com isso, já sintetiza a perspectiva austríaca de forma clara e objetiva, permitindo ao leitor navegar pelos capítulos seguintes, nos quais aborda temas específicos, com mais confiança e desenvoltura. Iorio apresenta a tríade concomitante e complementar da Escola Austríaca, isto é, os conceitos de ação humana, tempo dinâmico e conhecimento limitado. A seguir, esclarece que a Praxeologia é a ciência geral que estuda a ação humana e que seu primeiro axioma diz que o incentivo para qualquer ação é a insatisfação. Enfatiza ainda a limitação do conhecimento humano, sempre marcado pela indeterminação e imprevisibilidade, assim como o tempo dinâmico, identificado com o fluxo permanente de novas experiências.

Ubiratan Iorio desenvolve uma crítica austríaca ao planejamento econômico e social, mostrando detalhadamente como mesmo as tentativas de implementação de vias

intermediárias entre uma ordem espontânea e uma ordem dirigida resultam em inevitáveis inconsistências lógicas internas. A evolução das sociedades não envolve um sentido pré-determinado, mas sim um processo cultural de tentativas e erros. O desafio, então, é atingir uma ordem social capaz de articular de forma equilibrada a ordem, a razão e o Estado. Iorio resvala, aqui, em uma temática central do pensamento liberal moderno: quais são os limites da liberdade e como deve ser a relação entre liberdade e poder. Diante desse problema, a pretensão racionalista construtivista (que considera a possibilidade e mesmo a necessidade da engenharia social) é desmistificada pela existência de claros limites ao conhecimento humano, que tornam o planejamento impossível.

Ainda nesse capítulo inicial, Iorio destaca a ideia de que a busca pela identificação de pontos de equilíbrio não faz sentido. Podemos considerar que os mercados são processos e podemos até identificar uma tendência ao equilíbrio, mas a própria dinamicidade do tempo nos leva à conclusão de que os agentes econômicos nunca estão em posições determinadas de equilíbrio. Iorio também enfatiza a importância da função empresarial que, a partir da percepção de possibilidades de ganhos no mercado, aproxima o conceito de ação. É por isso que o autor concentra sua análise nos elementos “ação”, “tempo” e “conhecimento”.

Iorio condena a ambição de querer quantificar a totalidade do conhecimento. É por isso que os mercados devem ser analisados como processos, e não como estados de equilíbrio. É importante enfatizar, contudo, que a constatação de que há limites para o conhecimento humano não é a mesma coisa que afirmar a impossibilidade de conhecer. O que a postura austríaca condena é a pretensão de saber que transcende os processos de mercado e, mais ainda, a pretensão de saber o que é melhor para os demais. Afinal, essa é uma característica dos sistemas intervencionistas que obstaculizam o processo social espontâneo e tolhem a criatividade humana,

prejudicando o exercício da função empresarial. Como disse certa vez o físico Stephen Hawking, o maior inimigo do conhecimento não é a ignorância, mas sim a ilusão do conhecimento.

No segundo capítulo, Ubiratan Iorio apresenta o desenvolvimento da teoria austríaca do valor desde suas origens no pensamento escolástico medieval e moderno. A ênfase que o autor coloca na herança escolástica da Escola Austríaca é importante pois coloca em evidência os fundamentos filosóficos e teológicos da modernidade, a começar pelas instituições políticas e econômicas modernas desenvolvidas a partir do século XVI.

O terceiro capítulo é dedicado à função empresarial e ao valor do empreendedorismo. Iorio elabora uma contundente crítica da mentalidade antiempresarial no ambiente intelectual, cultural e midiático latino-americano. Ele também analisa criticamente os entraves ao empreendedorismo no ambiente de negócios brasileiro. Para que a função empresarial possa ser exercida, é necessário que o governo seja limitado, que os direitos de propriedade sejam bem-definidos e respeitados, que as leis sejam estáveis e que exista uma verdadeira economia de mercado. É fácil notar que a falha em um ou mais desses itens impacta negativamente no empreendedorismo, por aumentar as incertezas e inviabilizar a identificação clara e correta de oportunidades.

No quarto capítulo, Iorio apresenta a teoria austríaca do capital. Começa a seção com uma significativa lição de bom senso moral: não se obtém recompensa sem esforço. A seguir, critica o keynesianismo, que fabrica investimentos a partir da criação de uma poupança ilusória, isto é, numa simulação de sacrifício ao invés de um esforço genuíno de frugalidade. Na visão austríaca, o capital não constitui um estoque homogêneo. Os bens de capital são específicos aos diversos estágios no processo produtivo e o capital é destruído no processo de criação do produto.

O quinto capítulo trata da teoria austríaca da moeda. De acordo com Iorio, os aus-

tríacos concordam com os monetaristas e os novos clássicos a respeito do papel da política monetária como causa da inflação. Iorio analisa e explica casos concretos de políticas macroeconômicas desastrosas, colocando em evidência a capacidade que a Escola Austríaca apresenta de servir como guia para entendermos o mundo no qual vivemos. Iorio é enfático quando afirma que a Escola Austríaca não possui uma teoria monetária. A perspectiva austríaca é necessariamente integrativa, isto é, considera as teorias da moeda, do capital, do processo de mercado e dos ciclos econômicos em uma teoria mais ampla.

No sexto capítulo, o autor reconhece a importância dos conceitos de “tempo” e de “moeda” e define o domínio da macroeconomia como sendo a interação entre o “mercado de tempo” e o “mercado de moeda”. A partir dessa definição, Iorio aponta as limitações do *mainstream* econômico e insiste na necessidade de reincorporar a teoria do capital à macroeconomia, pois assim o elemento temporal seria tratado de forma adequada.

O sétimo capítulo lida com a teoria austríaca dos ciclos econômicos. Iorio destaca a função da taxa de juros como principal regulador da economia dado que, quando determinada pelas preferências intertemporais e pela demanda de investimentos, promove a coordenação entre consumo e investimento. Políticas monetárias expansionistas criam uma poupança ilusória que impacta negativamente na estabilidade do mercado. O oitavo capítulo aprofunda a discussão do capítulo anterior mostrando como o tratamento da moeda como poupança produz a quebra da coordenação, elevando a taxa de juros e desestimulando os investimentos realizados em estágios mais afastados da estrutura de produção, provocando seu encolhimento (efeito concertina).

No nono capítulo, Ubiratan Iorio analisa a macroeconomia da estrutura de capital a partir da análise da contribuição criativa de Roger W. Garrison, um teórico que busca conciliar os modelos macroeconômicos mais conhecidos com os postulados austríacos.

Em sua exposição, Iorio mostra-se totalmente coerente e, ao mesmo tempo, rejeita radicalismos estéreis, ao reconhecer a importância do diálogo. Seu compromisso é com uma maior compreensão da realidade e não com paroquialismos acadêmicos. A partir de uma análise da macroeconomia da estrutura de capital, Iorio mostra como é possível identificar as diferenças entre crescimento verdadeiro e boom artificial. Dessa forma, coloca em evidência como a abordagem austríaca nos permite lidar com as causas dos ciclos econômicos e explicar fenômenos tais como a recente crise da *subprime*.

No décimo e último capítulo, Ubiratan Iorio explora a relação (necessária!) entre a Escola Austríaca e uma ordem social pautada nos princípios, valores e instituições que permitem o desenvolvimento de uma sociedade livre e virtuosa. O autor mostra como a Escola Austríaca é compatível com uma perspectiva econômica personalista, baseada em considerações antropológicas e éticas. Dessa forma, Iorio chama a atenção para a sólida fundamentação moral da Escola Austríaca: a economia (a *economy*, não a *economics*), quando preocupada com o bem-estar da pessoa humana, não pode desconsiderar o conteúdo moral. Cabe destacar a ênfase no princípio de subsidiariedade, essencial para a promoção da

liberdade e da virtude. Dessa forma, a perspectiva personalista nos ensina que o mercado deve existir para servir à pessoa humana e proporcionar a defesa de sua dignidade. Não são os indivíduos que vivem para o mercado, mas sim é o mercado que existe para os indivíduos.

À guisa de conclusão, a contribuição de Ubiratan Iorio para o estudo da Escola Austríaca de Economia compreende uma exposição dos princípios austríacos sem perder de vista as bases filosóficas e teológicas da modernidade, bem como a necessária relação entre economia e moral. Iorio não somente fornece um panorama didático e acessível da Escola Austríaca – ele também mostra a sua relevância teórica contemporânea, ao apontar como a abordagem austríaca tem tido sucesso para diagnosticar e mesmo antecipar a ocorrência das crises e turbulências que temos enfrentado no ambiente econômico dos últimos tempos. Ubiratan Iorio nos brinda com uma apresentação da Escola Austríaca que é solidamente amparada no desenvolvimento contínuo e consistente do pensamento econômico, político e moral no transcurso da modernidade. O autor mostra com habilidade, portanto, que os teóricos contemporâneos da Escola Austríaca da atualidade repousam verdadeiramente sobre ombros de gigantes. ∞

Claudio Andrés Téllez

Professor agregado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Mestre e doutorando em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio
Especialista (MBA) em Comércio Exterior e Negócios Internacionais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV)
Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário da Cidade
Bacharel em Matemática pela PUC-Rio
ctellez@puc-rio.br